
Dossiê: Identidades e sexualidades hegemônicas e contra-hegemônicas. Feminidades e masculinidades em tempos autoritários

<http://dx.doi.org/10.34019/2594-8296.2020.v26.29808>

“A louca dos gatos” ou sobre como gaslaitear o feminino: um estudo sobre a violência psicológica no âmbito do gênero

“La loca de los gatos” o sobre cómo gaslaitear a lo femenino: un estudio sobre la violencia psicológica en el contexto de género

“The crazy cat lady” or how to gaslight the feminine: a study on gender-based psychological violence

Carlos Henrique de Lucas*

<https://orcid.org/0000-0001-8771-9349>

Fábio de Sousa Fernandes**

<https://orcid.org/0000-0003-1696-4616>

Diana Yoshie Takemoto***

<https://orcid.org/0000-0003-2006-1102>

RESUMO: O artigo conceitua o *gaslighting* e suas formas de atuação por meio de fundamentação teórica e análise de produtos culturais e midiáticos, demonstrando-o como um fenômeno social originado no interior de sociedades historicamente patriarcais, mais especificamente as ocidentais,

* Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Adjunto II vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGCHS/UFOB) e à Área de Letras e Linguística da mesma universidade. Autor de *Linguagens pajubeyras: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade* (2017), dentre outras publicações no campo dos Estudos de Gênero e Sexualidade. E-mail: carlos.lucas@ufob.edu.br

** Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília (UNB). Professor Assistente vinculado ao Centro das Humanidades da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). E-mail: fabio.fernandes@ufob.edu.br

*** Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Bacharela em Humanidades pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), técnica administrativa e coordenadora de Benefícios e Qualidade de Vida da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da UFOB. E-mail: diana.takemoto@hotmail.com

e, por conseguinte, dicotômicas – binomiais, que instituem papéis baseados no gênero para todas as pessoas. Ao não obedecer a essa imposição de papéis, ou normatividade, conforme se verá, a sujeita-alvo do *gaslighting* se torna um ser abjeto. Neste texto, o abjeto pode ser observado pela criação, via discurso, da personagem “Louca dos Gatos”. Concluímos, mesmo que provisoriamente, que o *gaslighting* e os estereótipos sobre o gênero distorcem as relações de modo intencional para assegurar, reforçar e naturalizar sistemas de poder como o machismo e a heteronormatividade, o que relega as mulheres (e por que não dizer as mais diversas formas de vivência do feminino) a constantes violências e a um eterno silêncio social.

Palavras-chave: *Gaslighting*. Violência de Gênero. “Louca dos Gatos”. Discurso.

ABSTRACT: This article conceptualizes *gaslighting* and its forms of action through theoretical framework and analysis of cultural and media products, demonstrating it as a social phenomenon originated within historically patriarchal societies, more specifically the western ones, and, therefore, dichotomous and binomial, which establish roles based on gender for all people. By not obeying this imposition of roles or normativity, as will be seen, the victim of the gaslight becomes abject. In this text, the abject can be observed by creating, through discourse, the character of “The Crazy Cat Lady”. We conclude, even if provisionally, that *gaslighting* and gender stereotypes intentionally distort relationships to ensure, reinforce and naturalize systems of power, such as sexism and heteronormativity, which relegates women (and why not say the most different forms of experience of the feminine identities) to constant violence and an eternal social silence.

Keywords: *Gaslighting*. Gender Violence. “Crazy Cat Lady”. Discourse.

RESUMEN: El artículo conceptualiza el *gaslighting* y sus formas de acción a través de fundamentos teóricos y análisis de productos culturales y mediáticos, demostrándolo como un fenómeno social originado dentro de sociedades históricamente patriarcales, más específicamente las occidentales y, por lo tanto, dicotómicas - binomiales, que instituyen roles basados en el género para todas las personas. Al no obedecer esta imposición de roles o normatividad, como se verá, el blanco del *gaslighting* se convierte en un ser abyecto. En este texto, lo abyecto puede observarse mediante la creación, por medio del discurso, del personaje de “La Loca de los Gatos”. Concluimos, aunque sea de manera provisional, que el *gaslighting* y los estereotipos de género distorsionan intencionalmente las relaciones para garantizar, reforzar y naturalizar a los sistemas de poder como el machismo y la heteronormatividad, que relega a las mujeres (y por qué no decir las diversas maneras de vivir a lo femenino) a la violencia constante y un eterno silencio social.

Palabras clave: *Gaslighting*. Violencia de Género. “Loca de los Gatos”. Discurso.

Como citar este artigo:

Lucas, Carlos Henrique de; Fernandes, Fábio de Sousa; Takemoto, Diana Yoshie. “A Louca dos Gatos’ ou sobre como gaslaítear o feminino: um estudo sobre a violência psicológica no âmbito do gênero”. *Locus: Revista de História*, 26, n. 1 (2020): 99-122.

Loucas, fracas e irracionais: uma palavra inicial sobre o *gaslighting*

Propomo-nos conceituar e descrever o *gaslighting*, uma modalidade de violência psicológica no âmbito do gênero, a partir do exame da personagem “Louca dos Gatos” enquanto uma alegoria representativa da retórica machista, além de exemplos do fenômeno em mídias jornalísticas, de modo a perceber como a construção social e discursiva realizada em torno das mulheres pretende perpetuar sistemas androcêntricos e heteronormativos. A heteronormatividade é um regime político e do âmbito do conhecimento que reside em manter inalteradas (ou readequar às circunstâncias) as relações entre as pessoas (mulheres, homens, homossexuais, não binárias, assexuais etc.) na esfera do gênero, da sexualidade e das corporeidades e, evidentemente, preservar privilégios e manter exclusões e violências, naturalizando-as (Lima 2017). Além disso, este trabalho propõe-se a fazer alguns apontamentos políticos e teóricos, por meio de análise alicerçada nos Estudos Feministas de viés pós-estrutural, que contribuam para o enfrentamento da desigualdade entre os gêneros e com a destituição dos regimes de governamentalidade da vida, a exemplo da heteronormatividade e do androcentrismo.

Feitas essas considerações iniciais, propõe-se a analisar, neste trabalho, as narrativas das mulheres consideradas “loucas dos gatos”, infelizmente, uma famosa personagem parte do imaginário concebido sobre o “indecifrável” universo feminino. O mito da “louca dos gatos”, em geral, se refere àquela mulher que não casou nem teve filhos, vista como uma “solitária maluca”, abandonada à companhia de... gatos! Há, por exemplo, a famosa personagem “Louca dos Gatos” do desenho animado “Os Simpsons”. Ela passa várias temporadas sem emitir uma palavra inteligível e sem que o/a telespectador/a sequer saiba seu nome.



Fig. 1: A Louca dos Gatos do desenho animado “Os Simpsons”. **Fonte:** <https://fineartamerica.com/featured/simpsons-crazy-cat-lady-01-chung-in-lam.html?product=poster>

Embora pareça um conceito novo, o *gaslighting* é um fenômeno recorrente e entranhado em diversas esferas do cotidiano, originado de relações de poder desiguais entre os gêneros e materializando-se em uma violência que não atinge somente mulheres, mas todos os grupos afetados pelas mais diversas formas de opressão machista. Dessa maneira, argumentaremos no sentido de que a conceituação do *gaslighting* (e o próprio debate sobre o termo) possibilita “lançar luz” sobre o fenômeno, evidenciando-o por meio de símbolos culturais e políticos evocadores de representação, para apresentar-nos um panorama sobre sua realidade, causas e efeitos.

Destarte, a reação de menosprezar um sentimento ou ação de uma mulher, afirmando que ela “só pode estar de TPM”, “é louca” ou “está histérica” é conhecida pela área da medicina mental como gaslaitear, do inglês *gaslighting*, conceito que, segundo Stocker e Dalmaso (2016, 683), se refere “à violência emocional por meio da manipulação psicológica, que leva a mulher e todos ao seu redor acharem que ela enlouqueceu ou que é incapaz”. Neste trabalho, destacamos a necessidade de reflexão acerca do termo *gaslighting* e de sua adaptação, apresentada aqui no verbo “gaslaitear” e em outras formas correlatas, ambas com base no termo de origem anglófona, que será contextualizado e historicizado mais adiante. Enfatizamos aqui a pertinência do debate acerca da tradução e adaptação da expressão, com a finalidade de ampliar o debate nos mais diversos contextos em que a língua pode ser um entrave. A pessoa a gaslaitear, independente de seu gênero, comporta-se de modo manipulador para induzir a mulher a pensar que suas reações são tão insanas que só podem ser “loucura”. Essa manipulação difama a mulher, desautorizando seu discurso e tornando-a insegura quanto à realidade que a circunda.

O termo *gaslighting* surgiu de uma peça de teatro encenada em 1938, chamada “*Gaslight*”, do diretor Patrick Hamilton, com posteriores adaptações no cinema britânico (1940) e americano (1944), essa última com a atriz Ingrid Bergman e Charles Boyer (Penteado 2015). Na trama, intitulada “À Meia Luz” na versão brasileira, o marido deseja tomar a herança recebida pela esposa e, para conseguir seu intento, ele esquematiza um plano para que as lâmpadas de gás (daí o “*gaslight*”, lâmpada de gás em inglês) liguem e desliguem alternadamente, ao mesmo tempo em que o agressor nega as alterações no ambiente, fazendo com que a esposa se questione e seja questionada quanto a sua sanidade (Yashar 2013).



Fig. 2: Poster do filme “*Gaslighting*”, de 1944. **Fonte:**

<https://wildfiremotionpictures.com/2016/04/27/105-must-see-movies-gaslight-1944/>

Kendall (1991, 80) atribui a Florence Rush (1980) a estreia do termo *gaslighting*¹, e descreve como as mulheres são vítimas de *gaslighting* por causa da síndrome de tensão pré-menstrual, por meio do mascaramento da realidade, distorcendo-a de modo que a mulher se sinta responsável pelos atos de violência que porventura sofra.

Contudo, o rótulo de louca por meio do *gaslighting* é somente uma das maneiras de tornar o discurso e as identidades concernentes às mulheres como inaptos. A partir dessa ótica, o simples fato de se tratar de uma mulher pode tornar seu discurso culturalmente menor, isto é, menos válido. No estudo mencionado anteriormente (Stocker e Dalmaso 2016), as autoras apresentam distintas modalidades de desqualificação do discurso feminino – no caso analisado por elas, um pronunciamento da então Presidenta da República Dilma Rousseff. Isso advém, primeiramente, e

¹ “[...] describe an attempt to destroy another’s perceptions of reality, and ultimately, sanity itself.”, ou em tradução livre nossa: “[...] descreve uma tentativa de destruir as percepções da realidade de outra pessoa e, em última análise, a própria sanidade”.

ainda segundo as autoras, da estrutura social instituída em que, historicamente, somente os homens possuíam o direito à fala, enquanto que, às mulheres, era destinado o espaço do recatamento e do silêncio do lar. Lucas Lima e Caetano (2016, 28) nomeiam esse movimento de expulsão da mulher do espaço público como “protocolos de reclusão”, os quais, juntamente com os “protocolos de exclusão” – movimento destinado aos negros e indígenas, visavam o apagamento de identidades não desejadas no ideário nacional brasileiro dominante no projeto de nação gestado ao longo do século XIX. Pode-se dizer, nesse sentido, portanto, que o *gaslighting*, enquanto protocolo de reclusão, opera com vistas a não apenas desqualificar o discurso da mulher, como, ainda, devolvê-la, ela mesma, ao espaço privado do lar, uma vez que o exercício de funções públicas, historicamente reservadas aos homens, desestruturaria, segundo a ótica do machismo, os papéis definidos para cada um dos gêneros. No entanto, em uma sociedade na qual as mulheres já ocupam muitos desses espaços públicos, os processos de exclusão e desqualificação sofisticaram-se, ocorrendo de forma sutil, na medida em que as qualidades e os méritos das mesmas são questionados constantemente, e as dificuldades em alçar estruturas hierárquicas são maiores, por exemplo. Podemos dizer que os “espaços privados”, ou menores, são instituídos dentro desses edifícios públicos, reconfigurando a lógica das relações e posições de poder.

O silenciamento da mulher, segundo Perrot (2012, 16), traduzia-se na sua invisibilidade, a qual, quando retratada, era de um modo generalista, realizada, sempre, pela ou a partir da perspectiva masculina, que não possuía interesse na vida privada. Mesmo com as conquistas sociais das mulheres, sobretudo a partir das lutas feministas da década de 1960, elas, ainda, são fortemente associadas ao lar e ao cuidado dos filhos, ou seja, ao espaço privado, ou como anteriormente mencionamos, à reclusão. Por outro lado, quando em posições mais elevadas da escala profissional, às mulheres é reservado ao que atualmente se vem nomeando “dupla jornada”, posto que além de trabalharem “fora”², exercem, concomitantemente, atividades laborais em casa, conforme demonstrado por Dedecca, Ribeiro e Ishii (2009). Ademais, a categoria mulher tem funcionado, no interior de sistemas androcêntricos, como contrapeso na cruel balança das relações sociais que tem pendido, necessariamente, para o homem. Diz-nos Caetano e Hernandez (2016, 255):

Las ‘virtudes naturales’ de la mujer son la incapacidad para ordenar, la sumisión y pasividad, la debilidad corporal, la disposición para las tareas domésticas, la valentía subordinada, la moderación y la modestia. Así, a pesar de que la marca distintiva de los seres humanos resida en su poder de

² A própria ideia de “trabalhar fora” parte do princípio de que à mulher, como que por natureza, cabem, apenas, o espaço do lar e as atividades a ele concernentes, como o cuidado dos filhos e o preparo dos alimentos. Conclui-se, então, que não apenas o binômio público/privado precisa ser desmantelado, coisa que as feministas já, há muito, nos ensinaram, como também o binômio dentro/fora.

racionar, existe una cierta clase de seres humanos que está excluida del ejercicio pleno de la razón humana, como la persona esclavizada y la mujer”³.

A mulher tem sido apresentada como o oposto negativo do homem, como o polo que, ao mesmo tempo desprezado, é necessário para estabilizar o poderio da masculinidade no exercício do governo de si e dos outros. Como afirmam Caetano e Hernández (2016), a característica da irracionalidade, da fraqueza e da passividade são as marcas que as culturas androcêntricas têm reservado para as mulheres, tal qual tatuagens dolorosamente marcadas em suas peles. Em especial, a interpretação da dita fraqueza da mulher, baseada em um entendimento puramente biologicista do corpo, visa não só impedir que as mulheres atuem em funções laborais para as quais a força física é necessária, como, ainda, reduzi-las a corpo, à carne desprovida de racionalidade, da mesma forma como se liam as pessoas escravizadas, as quais eram entendidas como “peças”, braços a serviço da branquitude.

Além de fraca, a mulher tem sido lida como louca, “lunática”, expressão essa que tem por propósito desautorizar as suas falas e que se origina de um “medo ancestral do *Segundo Sexo*’ pelo ‘terror de sua fisiologia cíclica, lunática” (Chauí 1987, 38). Porém, essa premissa utiliza-se de um argumento que essencializa a mulher a partir de uma suposta condição biológica, em que se institui uma natureza diferenciada entre mulheres e homens, desigualando-os a ponto de a mulher chegar a ser considerada mais próxima a um ser irracional do que ao ser humano (Perrot 2012, 11), originando o medo do Outro Sexo. Em realidade, há uma manipulação intencional para evitar a possibilidade de, digamos assim, “empoderar” o “Segundo Sexo”, evitando a desarticulação dos padrões de masculinidades que alicerçariam os privilégios considerados naturalmente pertencentes aos homens.

Reflexões sobre o conceito de *gaslighting*: as autoras e autores que nos inspiram

Lançando mão de uma metodologia de diálogo com autores e autoras de perspectiva feminista pós-estruturalista e em diálogo com os Estudos *Queer*, este ensaio se debruça sobre o fenômeno social do *gaslighting*, definido como uma violência psicológica e simbólica contra as mulheres. Portanto, mais do que um diálogo profícuo com teóricos e teóricas, buscamos incidir diretamente sobre a vida mesma.

³ “As ‘virtudes naturais’ da mulher são a incapacidade para se organizar, a submissão e a passividade, a fraqueza corporal, a disposição para as tarefas domésticas, a valentia subordinada, a moderação e a modéstia. Assim, mesmo que a marca que distingue os seres humanos seja o seu poder de raciocínio, existe uma certa classe de seres humanos que está excluída do exercício pleno da razão humana, como a pessoa escravizada e a mulher” (a tradução é nossa).

Vale dizer, também, que este texto não ignora sua relevância no sentido de lançar luzes sobre o fenômeno do *gaslighting* que, por conta da formulação em língua estrangeira, pode invisibilizar uma violência há muito conhecida e experienciada por uma enorme quantidade de mulheres no Brasil. Neste ponto, Queiroz (2016) estende a crítica a todas as formas de estrangeirismos que tornam certos aspectos da luta feminista elitistas e discriminatórios, para que estas militantes possam sentir-se parte do “clubinho de mulheres ‘iluminadas’” que têm a posição privilegiada e paternalista de “iluminar às demais”.

A decisão de manter o uso da expressão em inglês neste texto se justifica pelo incipiente debate nesse ponto e falta de consenso quanto à questão. A ressalva é importante porque, apesar de não ser elemento central aqui, apontar as limitações no uso do referido estrangeirismo nos incide a pensar no poder da linguagem e a refletir mudanças também nessa esfera. Os Estudos Culturais, em diálogo com as reflexões sobre a performatividade de gênero, têm mostrado que a linguagem não apenas descreve o mundo, mas sobretudo, o constrói (Butler 2002; Butler 2014). Ou seja, falar sobre o *gaslighting*, descrevê-lo, como que em um *desnudamento teórico-metodológico*, é extremamente importante para combatê-lo e, por fim, superá-lo.

Tanto o que sabemos quanto o que ignoramos, são formas de conhecimento (Alós 2011). Assim, este trabalho é um esforço no sentido de, em primeiro lugar, retirar o *gaslighting* da confortável invisibilidade em que se encontra. Uma posição social e culturalmente cômoda desde a qual se pode exercer poder sobre as mulheres, alocando-as no limbo supostamente inescapável do discurso do natural, do biológico. Quer dizer, se é natural, se é biológico, não há escapatória. Refutamos, portanto, tais compreensões e nos somamos aos empreendimentos teóricos feministas desconstrucionistas que visam demonstrar que tanto o poder tem gênero quanto há um gênero no poder, como afirma Donna Haraway (1995, 10): “Todo conhecimento é um nódulo condensado num campo de poder agonístico”.

A escolha da personagem da Louca dos Gatos se deu por conta da mesma ser quase um fantasma a assombrar as mulheres. Trata-se de uma sombra materializada nas risadas nervosas de mães e tias, nos “conselhos” de avós para jovens netas, no discurso sobre “ficar para a titia”, nas telenovelas e outras representações midiáticas que criam a “doida velha e solitária”. Enfim, o *gaslighting* compreendido como o anúncio de um futuro que se insinua sobre a vida de muitas mulheres e que não apenas provoca terror psicológico, como ainda, produz, performativamente, diferenças assimétricas de gênero ao não incidir sobre os meninos/homens⁴.

⁴ Não ignoramos a possibilidade de o *gaslighting* incidir, também, na construção de certas masculinidades. Contudo, se pensarmos nas masculinidades dominantes ou hegemônicas, isto é, aquelas que sustentam o dualismo de gênero, perceberemos que mesmo os homens geis, por exemplo, ainda mais se se aproximam dos ideais da

Dentre os vários papéis culturalmente impostos às mulheres por uma sociedade machista estão os de mãe e esposa como destinos incontornáveis. De acordo com Butler (2014), as concepções de papéis culturalmente designados para os indivíduos são construções sociais, originadas de uma sociedade heteronormativa pautada no privilegiamento do homem branco e heterossexual. Desse modo, o referido sistema social de gênero encontra-se alicerçado em uma cientificidade parcial, em que se utiliza o argumento do “destino biológico” e, portanto, o objetivo de uma vida plena se enquadraria nesses papéis predefinidos, conformados de tal maneira que se transformam em estereótipos engessados, cujo alcance é difícil ou praticamente inalcançável. Assim, quando a mulher não alcança esses “objetivos biológicos”, isto é, não se conforma ao estereótipo designado a ela, torna-se uma abjeta, como que se situando em um local quase que ininteligível. Essa premissa já estava presente nas reflexões de Simone de Beauvoir (1980, 99), ao afirmar que “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado [sic] que qualificam de feminino”.

Essa utilização de argumentos científicos manipulados, ou pseudocientíficos, como há muito Donna Haraway (1995) já vem alertando, naturaliza as condições culturais das mulheres, camuflando a realidade sobre a exploração masculinista sobre elas, conforme Reed (2008) descreve:

Não foi a natureza, e sim a sociedade quem roubou da mulher seu direito de participar nas tarefas mais altas da sociedade, exaltando somente suas funções animais de maternidade. E este roubo foi perpetuado mediante urna dupla mistificação. Por um lado, a maternidade se apresenta como uma aflição biológica. Por outro, esse materialismo vulgar se apresenta como algo sagrado. Para consolar as mulheres como cidadãs de segunda classe, as mães são santificadas, adornadas com uma auréola e dotadas de “intuições” especiais, sensações e percepções que vão além da compreensão masculina. Santificação e degradação são simplesmente dois aspectos da exploração social da mulher na sociedade de classes (Reed 2008, 01).

Essa inferiorização da identidade mulher naturaliza a violência, reduzindo mulheres a cidadãs de segunda categoria, apesar de documentos basilares como a Constituição Brasileira, por exemplo, serem explícitos quanto a não discriminação por sexo. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde – OMS (2015), uma a cada três mulheres no mundo é vítima de violência física ou sexual em algum momento da vida. Contudo, as demais violências, moral, psicológica, patrimonial, simbólica e sexual são, ainda, mais difíceis de serem contabilizadas, tanto pela falta de informação das agredidas, quanto por essa incorporação histórica de práticas sexistas que,

heteronormatividade, não são atingidos pelos nefastos efeitos do *gaslighting*. Por outro lado, se recorrermos às linguagens pajubeyras (Lucas Lima 2017), isto é, ao repertório vocabular e performativo do qual diversos LGBT se utilizam, nos daremos conta de que a personagem da “Titia Cacurucaia”, ou da “Irene”, “Cacura”, dentre outras palavras, tratam de fazer menção a uma guei idosa, sozinha e, quase sempre, louca e, por que não, cercada de animais, talvez lindos gatinhos...

conforme anteriormente destacamos, operam no sentido de banalizar e, conseqüentemente, *naturalizar* a violência contra a mulher – ou contra o feminino⁵. Em nossa sociedade, os corpos das mulheres ganham inteligibilidade apenas se se enquadram na estreita e incômoda forma de gênero, na qual cabem prioritariamente, por um lado, o matrimônio, e, por outro, e de maneira complementar, a maternidade. Fora disso, há incompletude. Ainda sobre o matrimônio, entendido aqui como rito religioso necessário à normalização das relações entre homem-mulher, e entre esses os filhos, vale dizer que o que lhe escapa, quer dizer, aquelas mulheres que não se casam, ficam para “titia”, a imagem linguisticamente criada pela cultura para referir uma mulher que não obteve o sucesso social esperado, isto é, que não se casou e nem teve filhos.

Assim, o “poder de fala” das mulheres, o que iremos chamar de *capacidade de agência* (Butler 1998), se vê sombreado pela figura do homem, que não apenas é quem toma as decisões no matrimônio/relacionamento afetivo, como, ainda, *autoriza* – ou não – as falas das mulheres. Essa descrição se refere ao fenômeno do *mansplaining*, descrito por Stocker e Dalmaso (2016, 684) como “uma junção de *man* (homem) e *explaining* (explicar). Consiste em uma fala didática direcionada à mulher, como se ela não fosse capaz de compreender ou executar determinada tarefa, justamente por ser mulher”, e, mais à frente, as pesquisadoras complementam a definição do conceito: “A verdadeira intenção do *mansplaining* é desmerecer o conhecimento de uma mulher, desqualificando seus argumentos”.

A conformação dos corpos femininos dialoga com a noção de performatividade de Butler (2014), visto que o corpo, na visão da mesma, não possui significado anterior ao discurso, antes ganha, na cultura, significado e existência. O corpo é, também, criado e transformado pelos conceitos a ele atribuídos, de forma intencional ou não (quando utilizada impensada e/ou equivocadamente), descartando, portanto, a visão de que o corpo é apenas um meio ou instrumento do discurso. Ele é, por outro lado, parte dele e por ele modificável⁶. Deste modo, o corpo não possui um significado anterior à atribuição de gênero (e tantos outros marcadores identitários⁷ impostos): não há um “antes” ou um “além”. Há, sim, o discurso a produzir a vida e a generificar os corpos. Esse procedimento de produção das mulheres como loucas se apresenta como uma,

⁵ A violência que, grosso modo, se nomeia “homofobia”, cuja precisão teórica já passou por escrutínio crítico (ver, por exemplo, Colling e Nogueira 2015), mais do que dizer respeito à repulsa e/ou desprezo contra pessoas homossexuais, tem a ver com a rejeição ao feminino. Mais acertadamente, nas pegadas de Miskolci (2014), se trataria antes de “efeminofobia” que de “homofobia”.

⁶ Sobre a construção da materialidade do corpo, ver, para além do já citado Problemas de Gênero (2014), Cuerpos que importan, igualmente de Judith Butler (2002).

⁷ Fazemos referência aos “marcadores sociais das diferenças”, conceito que vem sendo utilizado mormente nas Ciências Sociais e nas Humanidades para estabelecer marcações identitárias que compõem as diferenças (Colling 2013). Como exemplo, a raça/etnia, a orientação sexual, a geracionalidade, a procedência nacional/regional, dentre outras, se constituem como marcadores sociais de diferenças.

dentre tantas, das estratégias de silenciamento e coisificação da mulher, pois assim o discurso e a própria vida feminina são relativizadas. Desse modo, como os conceitos designados historicamente para as mulheres são construídos na/pela cultura, devem ser constantemente reforçados para que não se percebam suas origens e intenções, isto é, eles devem ser *reiterados* em um movimento que, ao fim, acaba por naturalizá-los, mascarando seu caráter ficcional⁸. Não é o tema aqui, mas, para além das relações procedimentais de obstrução dos discursos das mulheres que estabelecemos com as relações de apagamento ou minoração das falas de pessoas negras, na contemporaneidade percebemos, e de maneira perigosamente crescente, movimentos discursivos que visam a não só fabricar o outro estrangeiro/terrorista, como, e de maneira mais espantosa, o outro-animal, um ser-coisa quase que completamente desprovido de relevância e, portanto, *a fortiori*, de humanidade. Alguma semelhança com os discursos que, ainda, são direcionados à mulher?

Sensuais, poderosas e... loucas

Passamos, agora, à análise de alguns exemplos concretos de *gaslighting* que foram publicados amplamente nas mídias, impressa e virtual, brasileiras. Vale dizer, como forma de introdução, ainda que, de maneira geral, o que observamos no *corpus* sob análise é que as mídias insistem, a todo custo, em apresentar as mulheres em posição de poder sobretudo como lascivas, emocionalmente desequilibradas e, no extremo, como inumanas, como se pode observar a seguir na imagem que retrata a chanceler alemã Angela Merkel. A montagem é uma referência ao filme “Terminator (Exterminador do Futuro)” e o título da reportagem – “A líder mais perigosa da Europa” – conecta-se explicitamente à metáfora do Exterminador e a sua existência política, ou seja, na esfera pública, como um risco letal a todo o continente. Na chamada “Será que a chanceler alemã cederá antes que ela extermine o crescimento e nos empurre para uma nova Depressão?”, os verbos “exterminar” e “empurrar” carregam semanticamente o sentido de rompimento, destruição e perigo, com ênfase para “terminates” (“extermine”), mais uma referência ao filme supracitado.

⁸ Por “ficcional” não queremos dizer que tais procedimentos discursivos que visam a silenciar e abjetificar as mulheres não existam ou, mais ainda, que não tenham materialidade no campo da vida. Absolutamente. Por “ficcional” fazemos referência ao caráter *fabricado*, quer dizer, *produzido*, como em um *efeito de discurso*, do feminino e da própria identidade da mulher. Esses apontamentos, como fácil é de rastrear, encontram acolhida nas teorizações de Butler (2014) e Foucault (1979).



Fig. 3: Capa da Revista NewStatesman. **Fonte:**

<https://www.newstatesman.com/politics/politics/2012/06/angela-merkels-mania-austerity-destroying-europe>.

Centramo-nos, agora, na análise de dois artigos que tiveram por objeto a então Presidenta da República Dilma Rousseff, publicados em revistas de ampla circulação nacional, Istoé e Época. Nessas reportagens, que não receiam por sua patente misoginia, percebemos um franco propósito de desqualificar a figura pública da Presidenta da República à época. Na capa da Revista Isto é (2016), a fotografia utilizada é retirada de contexto, utilizando a imagem de uma aparição pública da mesma anteriormente, para em sua montagem concatenar-se ao repertório de seu artigo central, cuja título na capa é “AS EXPLOSÕES NERVOSAS DA PRESIDENTE” e em seu interior “Uma Presidente Fora de Si” (Bergamesco e Pardellas 2016). O termo “explosão” somado ao seu caracterizador “nervosas” sintetizariam o estado mental da presidenta, incitando a compreensão do caráter de “loucura” nas suas ações. Não há sutileza nas escolhas semânticas e sintagmáticas, a ideia é mesmo, em sintonia com a imagem, representar a “mulher louca”, ou melhor, “a mulher louca que ocupa a cadeira da presidência do país”. A sentença que compõe a chamada da capa – “Em surtos de descontrole com a iminência de seu afastamento e completamente fora de si, Dilma quebra móveis dentro do Planalto, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e perde (também) as condições emocionais de conduzir o país” – é repleta de adjuntos adnominais e também verbos que funcionam como qualificadores, metaforizando a mulher em “estado de loucura” e denotando perigo.



Fig. 4: Capa da Revista Istoé (2016).

Nesse artigo da Istoé, datado de 01 de abril de 2016, “Uma Presidente Fora de Si”, entendemos que se procurou demonstrar (ou seria *produzir um efeito de verdade?*) que a presidenta não possuía “condições emocionais” para continuar a conduzir o governo, ainda mais em uma situação de crise, quer dizer, às vésperas da votação de seu impedimento, que, ao fim, como todas e todos sabemos, prosperou. Ademais, a matéria afirma que Dilma se trata com “rivotril e olanzapina”, este último utilizado para tratamento de esquizofrenia, segundo informa a reportagem. Contudo, em parte alguma do artigo há a citação de alguma fonte que pudesse, de maneira acertada, precisar o que, de fato, estaria acontecendo com a Presidenta (considerando, evidentemente, que o interesse da matéria fosse a preservação da saúde da então mandatária maior da Nação). De qualquer maneira, o foco da matéria, conforme queremos demonstrar aqui, não reside na veiculação da informação, mas sim em, por meio da misoginia, ou mais precisamente, do *gaslighting*, desautorizar Dilma Rousseff como Presidenta da República. O artigo finaliza comparando a presidenta a “Maria I, a Louca”, rainha de Portugal, a qual teve sua sanidade questionada por diversos historiadores, tais como J. P. de Oliveira Martins (Boléu 2009).

Já o artigo da Época consegue ser ainda mais misógeno que o anterior, pois reduz a mulher, no caso em análise a Presidenta Dilma, a objeto sexual. Datado de 20 de agosto de 2015, seu título é este: “Dilma e o Sexo – Será que a presidenta do Brasil precisaria erotizar seu eleitorado? Não estou falando de sexo, muito menos de fendas ou decotes”. Inicialmente, o autor do texto, João Luiz Vieira, editor da Época, autor de livros sobre sexo como “Kama Sutra Brasileiro” e “Sexo sem Tabu”, já se utiliza de uma citação de Nietzsche para chamar a presidenta de “estúpida”. O autor, ao longo do texto, perde-se no que inicialmente parece se propor, que a sexualidade que ele sugere a Dilma não se relaciona com a prática sexual, mas com empatia, essencialmente um

erotismo psíquico, que nada teria a ver com decotes ou fendas. Contudo, no desenvolvimento do texto, o autor faz um histórico dos relacionamentos da presidenta, comparando-a à senadora Marta Suplicy, a qual parece indicar que é mais capaz, por, supostamente, entender mais de sexo. O autor vai muito além: especula sobre a vida sexual da presidenta, insinuando que tenha terminado há mais de uma década, e que a Presidenta faz parte de uma geração anti-Jane Fonda, a qual, segundo ele, acredita que a sexualidade termina antes dos 60 anos. E se contradiz ao criticar as roupas de Dilma Rousseff, analisando-as como um uniforme que a invisibilizaria, tornando-a assexuada (Vieira 2015)⁹.

O autor, além de criticar a presidenta brasileira, destina discurso misógino à presidenta chilena Michelle Bachelet e à primeira ministra alemã, Angela Merkel; porém, afirma que, como seus países não são erotizados como o Brasil, não haveria problemas em se portarem “camufladas”. Diz ele: “podem se vestir de samambaias que ninguém dá bola”. Esse reforço do estereótipo machista sobre as mulheres, com a sua redução a objetos sexuais, é magistralmente finalizado com a indicação de que a feminilidade é sinônimo de fragilidade. O autor afirma que, caso fosse amigo de Dilma Rousseff, diria-lhe para se erotizar¹⁰.

Como pode-se perceber pelos exemplos citados, o *gaslighting* em contextos de representação política é uma das formas mais comuns de apresentação desse fenômeno, assim como podemos destaca-lo nos relacionamentos amorosos e entre amigos. Vale mencionar, também, a imagem, arraigada na cultura brasileira, da “loira burra”, a qual é insistentemente associada à burrice e ignorância¹¹. Em relação ao *gaslighting* no local de trabalho, ou melhor, em situação nas quais a mulher desempenha certo protagonismo profissional e que, por esse motivo, precisa, como qualquer pessoa em situação semelhante, ser levada a sério, o método se repete. Renata Gonçalves (2012, 131), ao comentar a relação das Mães da Praça de Maio, um movimento político argentino que demanda reparação e justiça histórica com a Ditadura daquele país, diz:

À ditadura não restava sombra de dúvidas de que eram *loucas*. Os políticos profissionais, mesmo os de oposição, também as *acusavam de loucas* e “criticavam sua intransigência, sua recusa de qualquer

⁹ Diante das críticas e da polêmica em torno do artigo, a revista retirou do ar o texto e publicou a seguinte nota: “Por falhas internas, o artigo “Dilma e o sexo” foi publicado em www.epoca.com.br na manhã de quinta-feira, dia 20 de agosto, sem aprovação prévia. Estava em desacordo com ideias e princípios historicamente defendidos pela revista. Por isso, foi retirado do ar imediatamente. ÉPOCA pede desculpas pela publicação do texto” (Vieira 2015).

¹⁰ Apesar do texto ter sido retirado da internet, é possível ler trechos na tese de doutorado intitulada “PRÁTICAS E REGIME DE INFORMAÇÃO – Os acontecimentos “Carta de Temer a Dilma” e “Marcela Temer: bela recatada e do ‘lar”” de Ilemar Christina Lansoni Wey Berti (2018, 117-118).

¹¹ Sobre a figura da “loira burra”, afirma Josênia Antunes Vieira: “Ainda quanto aos ataques masculinos à identidade feminina, é comum encontrar em língua portuguesa tanto no Brasil como em Portugal piadas e provérbios que ilustram o descaso e o desrespeito pessoal e profissional a que as mulheres estão sujeitas. Além de piadas, há também estereótipos populares que, de alguma forma, destroem a identidade da mulher. O estereótipo de que toda a loira é burra é tão natural no discurso que a TV, tanto portuguesa como brasileira, faz dela motivo de piadas. No Brasil, costumam dizer que chamar mulher loira de loira burra não é adjetivar, é usar pleonasma vicioso.” (2005, 232).

pacto, acordo ou negociação”. A conivente Igreja argentina as *tratava como loucas*, pois “já era tempo de esquecer os mortos para cuidar dos vivos” (Oliveira 1992, 134). Elas não iriam esquecer, seguiriam com suas bandeiras. Eram loucas. Eram mães desesperadas por notícias de seus entes desaparecidos (as *marcações* são nossas).

Ou seja, exatamente quando precisam ter seus discursos ouvidos, suas palavras reconhecidas, as mulheres são reduzidas a uma visão oitocentista que nelas enxergava histeria – “loucura”, onde apenas havia protagonismo ou simplesmente desejo de autonomia. O *gaslighting* age, portanto, desta maneira: intimida, domina e, por fim, silencia.

O/A gaslaiteador/a falsifica as informações ou as omite para desorientar a mulher, de modo a fazê-la se questionar sobre a própria memória, realidade e conduta, apagando a identidade, diminuindo a autoconfiança e distorcendo a realidade, que passa a ser a descrita – e *produzida*, ao fim e ao cabo, pelo discurso *autorizado* do homem. O *gaslighting* pode variar entre pequenas condutas não intencionais a grandes esquemas de distorção da realidade (Souza 2015). Segundo a ONG *Love is Respect*¹², as técnicas do *gaslighting* são: **Retenção**, em que o/a parceiro/a abusivo/a finge não entender ou se recusa a ouvir. Ex.: “Eu não quero ouvir isso de novo” ou “Você está tentando me confundir”; **Contestação**, em que o/a parceiro/a abusivo/a questiona a memória da vítima, ainda quando ela se lembra das coisas corretamente. Ex.: “Você está errada, você nunca lembra das coisas direito”; **Bloqueio/Desvio** em que o/a parceiro/a abusivo/a muda de assunto e/ou questiona os pensamentos da vítima. Ex.: “Essa é outra ideia maluca que seu [amigo/parente] te deu?” ou “Você está imaginando coisas”; **Banalização**, em que o/a parceiro abusivo faz as necessidades ou sentimentos da vítima parecerem sem importância. Ex.: “Você vai se zangar por algo tão bobo?” ou “Você é muito sensível”; **Esquecimento/Negação**, em que o/a parceiro abusivo finge ter esquecido o que realmente aconteceu ou nega coisas, como promessas feitas à vítima. Ex.: “Não faço ideia do que você está falando” ou “Você está só inventando coisas”.

Ademais, Fett (2015), ex-vítima de *gaslighting*, indica dez características desse fenômeno social violento em um artigo publicado em seu blogue:

1. *Gaslighting* não necessariamente é algo deliberado: pode ser um comportamento incorporado da sociedade machista, não intencional. Tal compreensão evidencia que até mesmo alguns homens gaslaiteadores são vítimas do fenômeno ao reproduzi-lo sobre a mulher. Voltaremos a esse ponto ao final do texto;
2. Manipulação e *gaslighting* são comportamentos distintos: a autora indica que o *gaslighting* é uma das formas de manipulação, porém enquanto a manipulação geralmente utiliza-se de uma ameaça direta ou indireta para modificar o comportamento da vítima, no *gaslighting* as ameaças ocorrem para alterar a percepção da realidade, mudando também a personalidade da vítima;
3. *Gaslighting* nem sempre envolve raiva ou intimidação: há casos em que o agressor reveste-se de certa afabilidade. Em casos assim, quando procurado para servir como apoio, o homem pode se irritar, provocando o que a autora nomeia *glamour gaslighting*. Ou pode acontecer de o homem se

¹² <http://www.livredeabuso.com.br/#!O-que-%C3%A9-gaslighting/cy34/555ea4ab0cf298b2d3d687fe>

apresentar reiteradas vezes como vítima com o propósito de distorcer a realidade até que ele seja considerado o agredido, esperando, com isso, um pedido de desculpas;

4. É normal não conseguir se lembrar do que aconteceu: a vítima tem sua memória e credibilidade sempre questionadas, chegando ao ponto de até duvidar de si mesma. Ao questionar suas memórias e ao duvidar de si, a mulher fica em uma posição extremamente vulnerável, o que escancara as portas para a manipulação do agressor;

5. Há fases diferentes (e essas fases podem continuar após o fim do relacionamento): inicialmente, a mulher percebe o absurdo, mas ainda assim discute. Na segunda fase, as discussões são para que o outro consiga compreendê-la e, por consequência, aceitá-la. Neste caso, a mulher tenta provar-se ao outro para ter comprovação de quem é. Na última fase, já se perdeu a autonomia, a percepção da realidade. Ela exaure-se na tentativa de compreender a pessoa que o outro descreve, ficando obcecada por cada crítica;

6. Há traços distintos na personalidade de algumas mulheres que podem torná-las mais suscetíveis a sofrer *gaslighting*: o desejo de estar sempre certa, de ser compreendida e de ser aceita, por exemplo. Há outros traços de personalidade, como a empatia e a capacidade de mudar de comportamento ao receber críticas, que podem ensejar a ocorrência do *gaslighting*, mesmo sendo esses atributos pessoais positivos;

7. Ao ser vítima do *gaslighting*, a mulher crê que perdeu sua personalidade, mas continua impassível, mesmo tendo percebido os sinais de perigo. Nesse caso, a mulher prefere ignorar tais sinais;

8. O final não deve ser um confronto: o sucesso contra o *gaslighting* não é o confronto final com o abusador, mas aprender a não se engajar desnecessariamente em uma discussão quando não se deseja a compreensão mútua, mas o domínio do outro, por exemplo;

9. É necessário confrontar a ameaça: a autora descreve que o *gaslighting* ocorre por meio de ameaças, originando medos que devem ser enfrentados para superação desse abuso.

10. O *gaslighting* pode ser amplificado em famílias, relações não monogâmicas e outros grupos: o comportamento gaslaiteador pode, facilmente, ser, do ponto de vista da cultura, aceito e reforçado pelo grupo de convivência da vítima, tornando ainda mais difícil sua superação. Destacamos, inclusive, que essas ações correspondentes a esse tipo de violência independem de gênero e sexualidade, podendo ser efetuadas por homens, mulheres, pessoas transgêneras, cisgêneras etc., pois compõem uma estrutura que por todos podem ser reproduzidas, retroalimentadas, naturalizadas.

Os itens 1, 2, 3, 6 e 10 são resultados de uma sociedade, e podemos pensar as especificidades do contexto brasileiro, em que os construtos elementares do gênero produzem sujeitos hierarquicamente posicionados em relações de poder (homem x mulher). Além disso, esta análise assenta-se na compreensão de que a formação nacional se deu a partir de um sistema historicamente patriarcalista, naturalizando tipos de comportamento em que uma mulher deve se submeter ao desejo e posse da outra, a pessoa dominadora. Não ignoramos os limites do conceito de patriarcado, posto que é por vezes aplicado de modo totalizante e não situado, sendo uma ferramenta teórica que maneja um modelo de metanarrativa, isto é, certa noção de história universal das mulheres que desconsidera os processos sócio-históricos particulares que alicerçam as relações entre os gêneros – e a própria noção de gênero –, além da discussão sobre colonialidade. Nesse sentido, e em acordo com a perspectiva de Grada Kilomba (2019), por exemplo, ao refletir sobre o lugar que a raça ocupa na produção da subjetividade da mulher negra, compreendemos que o conceito de patriarcado precisa ser confrontado visando a responder questões como: de que mulheres falamos quando invocamos a palavra “mulher” e por que razão o conceito de patriarcado

não explica a distribuição desigual de privilégios a homens brancos e homens negros. Concomitante a essa perspectiva, Judith Butler (2014, 20) afirma que “a noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe”.

Assim, o *gaslighting* pode até não ser individualmente intencional, mas resultado de um comportamento concebido como natural, de acordo com sistemas de poder que emergem em contextos históricos, sociais, culturais (e logicamente em constante disputa), e que foram reforçados a partir de uma miríade de discursos científicos, adquirindo, portanto, uma aura científica, biológica, em que a mulher é o sexo frágil e deve ser protegida, sustentada (não somente financeiramente, mas emocionalmente, fisicamente etc.), e dessa “necessidade” criada emerge o sentimento de posse. Desse sentimento negativo, surge o imperativo de controlar o outro, qualquer que seja a maneira para isso; assim, há a manipulação, em especial, o *gaslighting*, em que o comportamento e até a realidade é controlada pelo agressor, por meio de atitudes que não sempre envolvem raiva ou intimidação.

Os demais itens são características comportamentais das vítimas, derivadas dessa mesma herança patriarcal, em que uma mulher, educada para ser passiva, isto é, ser submissa às vontades de um homem. A mulher, nessa perspectiva, ignora seus sentimentos para poder estar com o outro, para agradá-lo, facilmente sentindo-se responsável pela manutenção familiar amorosa e, portanto, socialmente, é creditado a ela o fracasso dos relacionamentos, a causa dos problemas dos filhos e os dissensos no seio familiar. Até mesmo o planejamento familiar, ou seja, a responsabilidade pela gravidez e, por conseguinte, a decisão de ter a criança ou não, é dela (Grisci 1995).

Assim, como alegoria para análise dessa violência psicológica impetrada pela intersecção entre machismo, patriarcado e heteronormatividade está a personagem “Louca dos Gatos”, a qual personifica existências que não atingiram seus papéis sociais incitados pelos referidos sistemas e que carregam os pesados estigmas produzidos pelo *gaslighting*. Este estereótipo possui como exemplar a emblemática louca dos gatos do desenho animado Os *Simpsons*, como já anteriormente mencionado.

Outro exemplo contundente é o da escultora francesa Camille Claudel (1864-1943) (Ciribelli 2006), assistente de Auguste Rodin e também sua amante, em uma conturbada relação amorosa e profissional. Como suas obras eram muito parecidas, Camille e Rodin brigaram por autorias e, após separação, a escultora afirmava que Rodin a perseguia para poder roubar suas criações, bem como fazê-la perder oportunidades de trabalho. Assim, Camille Claudel se recluiu, tornou-se alcoólatra, com poucos recursos e muitos gastos com suas obras, vestia trapos, tinha pouco asseio e vivia com muitos gatos, sendo diagnosticada com “psicose paranoica”, termo

utilizado à época. Assim, logo após a morte de seu pai, seu único incentivador, foi internada em um sanatório e transferida para um hospital psiquiátrico, do qual nunca saiu. Há indicações de que sua saída não foi autorizada, pois como a artista nunca teve filhos, não casou e escolheu uma profissão considerada estritamente masculina, foi considerada uma vergonha para sua família, em especial, para sua mãe, com a qual mantinha um relacionamento conturbado.

A “Louca dos Gatos” é uma parcela bem localizada dentro de subdivisões de mulheres cuja possibilidade de autonomia foi triturada, visto que não se casaram, não tiveram filhos e são sozinhas, e não porque desejaram isso, mas sim porquanto foram relegadas à abjeção por intermédio de discursos violentos como o *gaslighting*. Assim, os vários papéis desempenhados pelas loucas dos gatos são passivos, não representando uma escolha dessas mulheres, mas sim o resultado, como já afirmamos, de papéis culturalmente construídos no interior de um sistema social machista que aprisiona as mulheres a certos “destinos” naturalizados, como ser esposa e mãe.

A pessoa gaslaiteada não possui nome, assim como a personagem de *Os Simpsons*: é apenas a “Louca dos Gatos”. O enquadramento nos papéis sociais construídos torna-a uma caricatura de pessoa, um ser tão abjeto que nem possui o direito de identificação individual. A negação de nome é um procedimento muito conhecido dos sistemas de destituição da vida, tais como a branquitude, a heteronormatividade e o capacitismo¹³. Por exemplo, as pessoas negras frequentemente são chamadas de “nêga(o)”, “preta(o)”, “mulato(a)”, “moreno(a)”, “sará” etc. As pessoas LGBT, da mesma forma, são reduzidas a palavras como “bich(inh)a loca”, “sapatão/sapatona”, “traveca/traveco” etc. E as deficientes, a outras como “perneta”, “aleijado”, “coxo”, “manco(a)” etc.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de como a identidade de gênero não só ensina, mas, e o mais grave, estereotipa as mulheres e então as utiliza no jogo de *marketing* e consumo, de outro modo objetificando-a novamente. A personagem “Louca dos Gatos” possui forte representação nos Estados Unidos, país no qual foram produzidos o jogo de tabuleiro “*The Crazy Cat Lady Game*” e a boneca “*Crazy Cat Lady*”, vendidos em vários sites como o *Amazon* e afins¹⁴. O jogo de tabuleiro apresenta a imagem de quatro mulheres consideradas desajustadas aos padrões das normas de gênero vigentes, conforme se pode perceber na figura 5. A boneca “Louca dos Gatos”, da mesma maneira, se apresenta fora dos padrões estabelecidos, com roupas desleixadas,

¹³ O capacitismo, segundo Lucas Lima (2017, 47), diz respeito “ao preconceito e à discriminação em relação às pessoas com deficiência. Agindo de forma semelhante à heteronormatividade e à branquitude, o capacitismo institui uma normalidade corporal ao estabelecer o que é saudável e o que é enfermo, o que é um corpo capaz e o que é um corpo incapaz, relegando este último à condição de abjeção e de incompletude permanentes.”

¹⁴ Jogo de tabuleiro “*The Crazy Cat Lady Game*”: <https://www.amazon.com/Crazy-Cat-Board-Compete-Collect/dp/B0773GWYKY> e boneca “*Crazy Cat Lady*”: <https://mcphee.com/products/crazy-cat-lady-action-figure>

olhar *esquisito*, além de vir com um questionário para verificar se a pessoa já é uma louca dos gatos ou pode vir a ser.

Portanto, essa identidade personifica a violência contra as mulheres, tachando-as de loucas por terem autonomia e explicitarem suas vontades e interesses. A essas mulheres, as paixões e os excessos são vetados, já que a “boa mulher”, como recentemente se difundiu em uma revista publicada no Brasil, tem a obrigação de ser “bela, recatada e do lar” (Linhares 2016). Não há espaço para o despautério, para o desbunde, para o excesso. Tampouco para o que a modernidade ocidental entende(u) por irracionalidade.



Fig. 5: Jogo de tabuleiro “The Crazy Cat Lady Game”

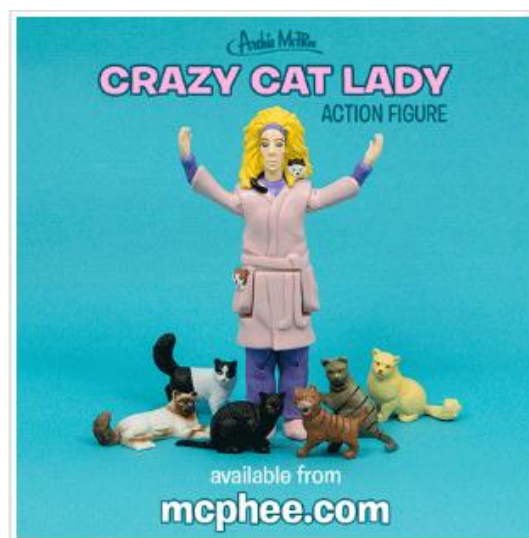


Fig. 6: Boneca “Crazy Cat Lady”.

Compreensões sobre o *gaslaitear*

Conforme anteriormente destacamos, esta reflexão se alicerça em uma pesquisa primordialmente de referencial bibliográfico de filiação feminista e *queer*, de base pós-estrutural, na leitura e análise de publicações sobre o machismo e suas articulações, na análise de algumas reportagens veiculadas na mídia brasileira e, finalmente, em hipóteses. Apesar de não ser o foco deste trabalho, é fundamental mencionar aqui o mito da mulher histérica, reforçado historicamente a partir de perspectivas patologizantes, as quais definiram a histeria como imediatamente conectada ao feminino, definindo uma condição que caracterizava mulheres que apresentavam sintomas

como ansiedade, falta de apetite, insônia, irritabilidade, entre outros¹⁵. Essas mulheres eram rotuladas como histéricas e enviadas a hospitais e consultórios para serem submetidas a tratamentos diversos. A psicanálise, mais adiante, compreenderia que parte desse problema poderia ser atribuído à noção de que a mulher, em seu processo de constituição da própria feminilidade, seria um corpo incompleto, “defeituoso” pela falta do pênis. Segundo Rocha e Rocha (2017, 124),

A tese da “inveja do pênis” suscitou entre as feministas a maior oposição à psicanálise, oposição presente, por exemplo, nos trabalhos de Simone de Beauvoir, Betty Friedan e Kate Millett. A história das relações entre feminismo e psicanálise é ambivalente. Ao longo das décadas posteriores ao seu falecimento, o retrato do médico de Viena construído pelas feministas oscilou de principal oponente ideológico do feminismo a de seu padroeiro e precursor.

Os referidos autores (2017, 125-126) apontam que houve, no processo de classificação das patologias psíquicas, uma divisão explícita entre os papéis sociais de homens e mulheres. De um lado, a neurose obsessiva era relacionada ao homem, tal como a neurastenia, e do outro, a histeria foi definida como central para a compreensão da própria identidade da mulher, ou seja, “a divisão de gêneros encontrada na taxonomia das psicopatologias parece reproduzir uma determinação histórica na divisão social do trabalho entre o ambiente doméstico (feminino) e o profissional (masculino)”. O cenário é configurado, portanto, da seguinte forma: o doméstico e feminino é associado à passividade, o profissional e masculino à atividade. Conclui-se dessa forma, neste breve apanhado a respeito do viés da clínica e da psicanálise sobre a histeria que

A histérica, o exemplo mais eminente da mulher enquanto sintoma da cultura, é aquela que denuncia através de seu sintoma uma das causas de sua infelicidade: uma civilização demasiadamente fálica que se opõe a seu querer feminino, ou pelo excesso (supervalorização sexual) ou pela falta (depreciação amorosa). A recusa à feminilidade imposta pela civilização, seja por processos claros ou sutis de repressão, neurotiza a mulher, restando a esta apenas encarnar o negativo neurótico da perversão de seu duplo masculino (Assoun 1993, 13 *apud* Rocha; Rocha 2017, 126).

Haveria muito ainda a ser dito, do ponto de vista teórico, sobre o conceito de *gaslighting*. Muito, também, sobre sua metodologia de ação. Contudo, nos parece mais acertado nesse momento apresentar as reflexões presentes neste artigo com vistas a ensejar um debate profundo e sério sobre o tema. Em um tempo em que as violências contra as mulheres, e mais do que isso, contra o feminino crescem exacerbadamente, trazer à tona o assunto abordado é de extrema relevância social. Um primeiro passo para o enfrentamento da violência contra a mulher, seja ela da forma que for, é a sua visibilização. Ou seja, precisamos como sociedade reconhecer a existência da violência contra a mulher. O reconhecimento, assim, é elemento indispensável no caminho rumo à superação do problema.

¹⁵ Consultar interessante entrevista com uma artista, Janaina Leite, que discutiu a histeria em uma de suas produções teatrais (Ferreira 2016): <https://medium.com/lado-m/o-mito-da-mulher-hist%C3%A9rica-e-sua-consequ%C3%Aancia-sobre-as-mulheres-1346068f6bc4>.

Como nos exemplos do jogo de tabuleiro e da boneca “Louca dos Gatos”, muitos consideram de menos importância ou, como atualmente se tem dito nas redes sociais, “mimimi” a questão da violência contra a mulher. Ponderam, no mais das vezes, uma brincadeira de mau gosto, mas que, na prática, não provoca danos à imagem das mulheres. É uma forma de pensar, essa que mencionamos, terrivelmente perigosa, nociva: ao não reconhecer que a cultura – e seus objetos, como os brinquedos, por exemplo, ou uma representação audiovisual – *produzem* a realidade, não nos será possível como sociedade destituir as lógicas heteronormativas e androcêtricas que tanto mal causam a todas as pessoas, não apenas às mulheres.

A violência psicológica no âmbito do gênero, definida como *gaslighting*, aqui analisada em contextos de culturas de trajetória patriarcalista, eclode não apenas para reforçar um destino biológico atrelado ao feminino, mas também vetar deserções a esse sistema. Esses corpos precisam ser docilizados para caberem nas expectativas e projetos de sociedade e seus sofisticados mecanismos de poder sobre a vida e a morte, ou seja, “a histerização das mulheres, que levou a uma medicalização minuciosa de seus corpos, de seu sexo, fez-se em nome da responsabilidade que elas teriam no que diz respeito à saúde de seus filhos, à solidez da instituição familiar e à salvação da sociedade” (Foucault 1988, 160). O *gaslighting* é, entretanto, um problema de todas e todos, e não apenas das mulheres, posto que também os homens que se distanciam em alguma medida dos estritos padrões de masculinidade vigentes podem ser alvos de violência. E não somente isso: é preciso que os homens, principais perpetradores do *gaslighting*, abandonem a posição de violentadores em potencial. A participação e um efetivo diálogo incluindo os homens poderia gerar nos mesmos uma posição de contestar o lugar que as normas sociais estabeleceram para ele: o local da violência e da manutenção das hierarquias de gênero.

Referências bibliográficas

- Alos, Anselmo Peres. “Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão”. *Revista Estudos Feministas*, 9, n. 2 (2011): 421-449. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200007>
- Beauvoir, Simone. *O Segundo sexo – fatos e mitos*; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- Bergamesco, Débora, e Pardellas, Sérgio. 2016. “Uma presidente fora de si”. https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/.
- Berti, Ilemar Christina Lansoni Wey. “Práticas e regime de informação - os acontecimentos “carta de Temer a Dilma” e “Marcela Temer: bela, recatada e do lar””. 2018. Tese de Doutorado em Ciência da Informação, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.
- Boláu, Luísa V. de Paiva. *D. Maria I – A Rainha Louca*. Portugal: A Esfera dos Livros, 2009.
-

- Butler, Judith. *Cuerpos que importan: Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- Butler, Judith. “Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do ‘Pós-Modernismo’”. *Cadernos Pagu*, n. 11 (1998): 11-42.
- Butler, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- Caetano, Márcio, e Hernandez, Jimena de Garay. “Para além das dicotomias: Performances de gênero, sexualidades e questões à escola”. *Admir (ASDUEJ)*, 28 (2012): 38-53.
- Caetano, Márcio, e Hernandez, Jimena de Garay. “Heteronormatividad y androcentrismo: ensayo sobre sus acciones curriculares”. Em *Lecturas críticas en investigación feminista*, org. Norma Blazquez Graf, Martha Patricia Castañeda Salgado, 253-278. Cidade do México: UNAM, 2016.
- Chauí, Marilena. “Sobre o Medo”. Em *Os Sentidos da Paixão*, org. Adauto Novaes. 33-82. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- Ciribelli, Marilda Corrêa. *Mulheres Singulares e Plurais (Sofrimento e Criatividade)*. Rio de Janeiro: 7letras. 2006.
- Colling, Leandro. “A igualdade não faz o meu gênero. Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil”. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, 3, n. 2 (2013): 405-28.
- Colling, Leandro, e Nogueira, Gilmaro. “Relacionados mas diferentes: Sobre os conceitos de homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade”. Em *Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação*, org. Alessandro Rodrigues; Catarina Dallapicula; Sérgio Rodrigo da S. Ferreira, 171-184. Vitória: EDUFES, 2015.
- Connell, Raewyn W., e Messerschmidt, James W.. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. *Revista Estudos Feministas*, 21, n. 1 (2013): 241-282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Dedecca, Claudio Salvadori; Ribeiro, Camila Santos Matos de Freitas; Ishii, Fernando Hajime. “Gênero e jornada de trabalho: análise das relações entre mercado de trabalho e família”. *Trab. educ. saúde*, 7, n. 1 (2009): 65-90. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462009000100004>
- Fett, Shea Emma. 2017. “10 coisas que aprendi sobre gaslighting como estratégia de abuso”. Traduzido por Bianca Busato Portella. <http://desacato.info/10-coisas-que-aprendi-sobre-gaslighting-como-estrategia-de-abuso/>.
- Ferreira, Victória. 2016. “O mito da mulher histérica e sua consequência sobre as mulheres”. <https://medium.com/lado-m/o-mito-da-mulher-hist%C3%A9rica-e-sua-consequ%C3%Aancia-sobre-as-mulheres-1346068f6bc4>.
- Foucault, Michel. *“História da sexualidade I: a vontade de saber”*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- Foucault, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. Em *Microfísica do poder*, Michel Foucault, 15-38. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- Gonçalves, Renata. “De antigas e velhas loucas: Madres e Mães de maio contra a violência de Estado”. *Lutas Sociais*, [S.l.], n. 29 (2012): 130-143.
- Grisci, Carmem Lúcia Iochins. “Mulher – mãe”. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 15, n. 1-3 (1995), p. 12-17. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931995000100003>
-

Haraway, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*, n. 5 (1995): 7-41.

Kendall, K. “Masking violence against women: The case of premenstrual syndrome”. *Canadian woman studies/ les cahiers de la femme*, 12 (1) (1991): 17-20.

Kilomba, Grada. *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Linhares, Juliana. 2016. “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”. <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>.

Love is respect. 2015. “O que é gaslighting?” Tradução Bruna de Lara. <http://www.livredeabuso.com.br/#!O-que-%C3%A9-gaslighting/cy34/555ea4ab0cf298b2d3d687fe>.

Lima, Carlos Henrique Lucas; Caetano, Márcio. “Em defesa de uma Historiografia Literária Fora do Armário”. *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, 08, n. 19 (2016): 24-36.

Lima, Carlos Henrique Lucas. *Linguagens pajubeyras: re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade*. Salvador: Devires, 2017.

Miskolci, Richard. “Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais”. *Bagoas*, 08, n. 11 (2014): 51-78.

Organização mundial da saúde (OMS). *Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência 2014*. Núcleo de Estudos da Violência (Trad.) São Paulo: 2015.

Penteado, Letícia. 2015. “Estou ficando louca?”. <http://www.revistaforum.com.br/leticia-penteado/2015/03/02/estou-ficando-louca/>.

Perrot, Michelle. *Minha História das Mulheres*. (Tradução Angela M. S. Côrrea). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

Queiroz, Nana. 2016. “Termos em inglês estão elitizando o feminismo”. <http://azmina.com.br/2016/04/termos-em-ingles-estao-ELITIZANDO-O-FEMINISMO/>.

Reed, Evelyn. *O Mito da Inferioridade da Mulher. Sexo Contra Sexo ou Classe Contra Classe*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

Revista istoé. As explosões nervosas da presidente. *REVISTA ISTOÉ*. Abril de 2016. Ano 39. No 2417. Editora Três.

Rocha, Gustavo Rodrigues; Rocha, Luana Fonseca da Silva. “Uma história social do conceito de feminilidade na psicanálise de 1910 a 1930”. *Scientiae Studia*, 15, n. 1 (2017): 121-144. <https://doi.org/10.11606/51678-31662017000100007>

Rush, Florence. *The Best Kept Secret*. New York: McGraw-Hill, 1980.

Stocker, Pâmela Caroline; Dalmaso, Silvana Copetti. “Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha”. *Revista Estudos Feministas*, 24, n. 3 (2016): 679-690. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p679>

Souza, Camila. 2015. “Não são atos isolados – gaslighting: por que eles querem que você acredite que está louca”. <http://www.catarticos.com.br/doce/nao-sao-atos-isolados-gaslighting-por-que-eles-querem-que-voce-acredite-que-esta-louca/>.

Vieira, João Luiz. 2015. “Sobre o artigo ‘Dilma e o sexo’”. <https://epoca.globo.com/vida/romance-urbano/joao-luiz-vieira/noticia/2015/08/dilma-e-o-sexo.html>.

Vieira, Josênia Antunes. “A identidade da mulher na modernidade”. *DELTA*, 21, n. spe (2005): 207-238. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>

Yashar, Ali. 2013. “Por que as mulheres não estão loucas”.
<http://papodehomem.com.br/porque-as-mulheres-nao-estao-loucas/>.

Recebido: 28 de fevereiro de 2020

Aprovado: 07 de abril de 2020